

Bresser prega reação a pressões

SÃO PAULO — O professor Luiz Carlos Bresser Pereira, em cuja gestão o Ministério da Fazenda foi assinado o acordo provisório para refinanciamento dos juros da dívida externa, não tem dúvidas sobre a forma como o Brasil deve reagir às pressões dos bancos credores para que inicie o pagamento dos juros que estão vencendo este ano. “Essa é uma brincadeira ridícula dos banqueiros e eu me recusaria a conversar”, afirmou ontem o ex-ministro, de volta à diretoria do Grupo Pão de Açúcar.

— Foi avisado formalmente aos banqueiros, quando se fez o acordo provisório, que eles não deveriam cobrar os juros de janeiro antes que o acordo de médio prazo fosse fechado — disse Bresser. E acusou: “ao invés de negociar este acordo, referente aos anos de 1987, 1988 e 1989, eles estão enrolando para ver se conseguem, com o passar do tempo, posição mais vantajosa”.

Na opinião do ex-ministro, os credores externos estão “empurrando com a barriga” por terem duas possibilidades igualmente ruins. A primeira é ficar sem um acordo e sem o pagamento de juros.

A outra é emprestar US\$ 10 bilhões ao Brasil (60% de todos os desembolsos do país nos próximos dois anos) e constatar, no dia seguinte, que a realidade de mercado reduziu os papéis brasileiros à metade do seu valor.

— Nesta situação, se o Brasil usar suas reservas para pagar os juros, vai se enfraquecer e ser forçado a negociar às pressas, da forma que convém aos banqueiros — raciocina o ex-ministro. “Com o dinheiro dos juros em caixa, o Brasil é forte”. Bresser não acredita que iniciar os pagamentos, numa demonstração de boa vontade, traga algum ganho real para o país. “Eles sempre pintam cenários róseos e pedem gestos de boa vontade”, diz ele.

“No fundo, os bancos querem apenas pegar o dinheiro dos juros”.

Avestruz — Na opinião do economista Afonso Celso Pastore, presidente do Banco Central no governo Figueiredo, quando o Brasil foi bater à portas do FMI, as protelações dos banqueiros devem-se antes de mais nada à falta de acordo do Brasil com o Fundo. “O governo está agindo como avestruz”, acusa.

“Desde a época em que eu conversava com os bancos, eles sempre deixaram claro que não haveria refinanciamento sem acordo com o FMI”, lembra. “Não me consta que tenham mudado de posição”.

O ex-presidente do BC não acredita que haja problema maior em iniciar agora o pagamento dos juros relativos a 1988.

“Se o governo tem mesmo intenção de fechar acordo, pode começar a pagar agora, fazer empréstimo-ponte para garantir o nível das reservas e depois acertar tudo na negociação global”.

— O ritmo das negociações com os bancos vai depender do ritmo das negociações como FMI — admite Igor Cornelien, representante do Libra Bank, inglês, no Brasil. Ele nega que os bancos europeus estejam saindo das negociações, como chegou a ser noticiado, mas descarta a possibilidade de que o Brasil venha a conseguir qualquer acordo de médio prazo. “O acordo de três anos não é viável porque não se sabe o que a Constituinte fará com o governo brasileiro”.